
RECENSÕES / BOOK REVIEWS

Entre o medo e a ousadia: Um olhar sobre a profissionalidade docente, no feminino

Freire, Paulo (1993). *Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água.

Introdução

Partindo do pressuposto enunciado por Paulo Freire na primeira carta da presente obra de que *Leitura do Mundo* precede a *Leitura da Palavra*, começo esta recensão por fazer uma breve caracterização do Brasil na altura em que o livro foi publicado. Espero que este enquadramento débil e impregnado pelas minhas escolhas, fruto da visão pessoal de quem experienciou o momento histórico e social, forneça pistas para a pertinência e a razão de ser de um título, por si só, tão inquietante: Professora SIM, tia NÃO...

Breve contextualização histórica da obra

No início dos anos 1980, o Brasil vivia um período de ditadura militar. Nas escolas hasteava-se a bandeira, cantava-se o hino nacional e as pessoas acompanhavam atentamente «a semana do Presidente». Este regime acabou em 1985 com o movimento popular «diretas já» e a eleição indireta do Presidente civil Tancredo Neves, que veio a falecer antes de assu-

mir o cargo, sendo substituído pelo Vice-Presidente José Sarney.

Do ponto de vista do mercado de trabalho, «as mulheres que ingressaram na força de trabalho continuaram a fazê-lo em guetos tipicamente femininos: em 1980, 70% das trabalhadoras se concentravam em pequeno número de “trabalhos de mulher” – empregadas domésticas, lavradoras e operárias para as menos instruídas, secretárias e balconistas para as que tinham nível médio de instrução, professoras ou enfermeiras para as que tinham alcançado escolaridade mais elevada, ou mesmo média» (Bruschini, 1994: 191-192). Refira-se ainda que, já naquele período, as trabalhadoras recebiam menos do que seus colegas, mesmo quando realizavam tarefas semelhantes (Bruschini, 1994).

O processo de redemocratização, marcado pelas eleições diretas em 1989 com a tomada de posse de Fernando Collor de Melo em 1990 (afastado em 1992 por um processo de *impeachment*) e dos seus sucessores, acatou mudanças estruturais devido ao sobre-endividamento externo do Brasil, à diminuição do emprego e às medidas adotadas em prol da estabilidade económica e integração na economia mundial.

No cenário internacional, a UNICEF elegeu a «menina» (*girl child*) como foco de suas prioridades para a década de 1990. Neste período, segundo Rosemberg (2001: 516), «a bandeira da educação das mulheres é levantada por uma tríplice aliança para reduzir a pobreza e possibilitar o desenvolvimento sustentável: organizações multilaterais (UNICEF, UNESCO, UNIFEM, Banco Mundial, OCDE); movimento de mulheres e governos nacionais».

Apesar das conquistas em termos de legislação e das tendências nacionais e internacionais, a mensagem midiática veiculada na época reforçava os estereótipos de gênero: «a imagem feminina é frequentemente julgada a partir do conjunto de crenças que cercam o mundo feminino, principalmente por sua função de mãe e dona de casa, a posição de sexo frágil, mostrada como objeto sexual, submissa ou servil» (Martinez & Munoz, 2009: 155).

Neste cenário de avanços, recuos e contradições do ponto de vista da emancipação e dos direitos da mulher no mercado de trabalho brasileiro, Paulo Freire, após um período de 21 anos no exílio (1964-1985) devido à ditadura militar, exerce o cargo de Secretário de Educação (1989-1991) à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (Gadotti, 1996). Em meio ao clima controverso decorrente das já referidas mudanças no cenário político brasileiro, fruto da transição do regime de ditadura para a democracia, Weller (2000) refere que a administração da cidade de São Paulo, a cargo do Partido Trabalhista, teve como princípios básicos a participação, a descentralização e a autonomia. Segundo a mesma autora, no início do mandato, Freire encontrou um cenário de precariedade relativamente às condições físicas das escolas, à qualidade de ensino e ao elevado número de absentismo escolar.

Enquanto Secretário de Educação, Freire manteve como meio de comunicação com os professores e professoras o formato de «cartas», nas palavras do próprio:

Assim que aceitei o convite que me fez a prefeita Luiza Erundina para assumir a Secretaria de Educação da cidade de São Paulo pensei em escrever aos educadores, tão assiduamente quanto possível, cartas informais que pudessem provocar um diálogo entre nós sobre questões próprias de nossa atividade educativa. (...) O fundamental é que as cartas não sejam apenas recebidas e lidas, mas discutidas, estudadas e, sempre que possível, respondidas. (Paulo Freire, 1989, citado por Gadotti, 1996: 95)

As cartas para quem ousa ensinar

Em 1993, dois anos depois de renunciar ao cargo que ocupava na Secretaria de Educação, Paulo Freire, publicou o livro *Professora Sim, Tia Não: Cartas a Quem Ousa Ensinar*, organizado em 10 cartas dirigidas a todos/as os/as «ensinantes» que ousam, no sentido pleno desta palavra. A substituição dos tradicionais capítulos dos livros por cartas remete à intenção, que o próprio autor referiu em 1989, de imprimir uma maior informalidade, proximidade e diálogo na relação com os/as seus/suas interlocutores e interlocutoras. Eu, brasileira, professora, investigadora e mulher, ousou escrever esta recensão para, 30 anos depois, continuar a dar resposta ao pedido de Paulo Freire de que as cartas sejam discutidas, estudadas e respondidas.

O meu primeiro contato com este livro foi em 1995, quando frequentava a licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro à tarde e dava aulas no Município do RJ no período da manhã. Também eu, como as outras professoras (num total de oito, todas mulheres), éramos as «tias»¹ dos meninos e meninas que frequentavam o ensino fundamental (equivalente ao 1.º ciclo do ensino básico, em

¹ Forma como os alunos dos primeiros anos de escolaridade tratam as professoras em algumas regiões do Brasil.

Portugal) num Centro Integrado de Educação Pública (CIEP). Foi com grande satisfação que, recentemente, fiz uma releitura da obra para participar numa «Tertúlia Pedagógica» organizada pelo Instituto Paulo Freire de Portugal.

Retomando a questão do título, Paulo Freire explica nas «primeiras palavras» (equivalente à introdução) que «ser professora implica assumir uma profissão, enquanto não se é tia por profissão» (Freire, 1993: 11). Nesta introdução, argumenta sobre as implicações dos dois papéis. Ora, num país e numa época em que as mulheres eram representadas apenas como mãe e dona de casa e, maioritariamente, assumiam profissões «tipicamente femininas», o título é uma chamada de atenção às professoras e futuras professoras sobre a profissionalidade docente no sexo feminino, para que se assumam como «profissionais entre cujos deveres se acha o de testemunhar a seus alunos e às famílias de seus alunos, o de recusar sem arrogância, mas com dignidade e energia, o arbítrio e o todo-poderosismo de certos administradores chamados modernos...» (p. 13). Estas contraposições de papéis podem ser exemplificadas através das seguintes afirmações:

- Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento, enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco; (p. 11)
- Identificar professora com tia (...) é quase como proclamar que professoras, como boas tias, não devem brigar, não devem rebelar-se, não devem fazer greve; (p. 12)
- A tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma «inocente» armadilha ideológica em que, tentando se dar a ilusão de adocicar a vida da professora, o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais. (p. 25)

Ao longo das cartas, o autor aborda temas relacionados com o ensinar-aprender, o medo, a profissão docente, o desempenho dos professores e professo-

ras, o primeiro dia de aulas, as relações entre professores/as e alunos/as, a identidade cultural, os contextos teóricos e práticos e a disciplina. Termina com uma reflexão acerca das relações entre a sabedoria e o crescimento. Todos estes temas são imbuídos por um apelo à defesa dos direitos dos professores e professoras, tais como direito à liberdade docente, direito à sua fala, direito a melhores condições de trabalho, direito a tempo livre e remunerado para a formação contínua, etc. Apela ainda ao inconformismo face ao desrespeito e ao autoritarismo.

Um dos contributos importantes desta leitura é o relembrar, ou a tomada de consciência acerca da importância social e política da educação, da interdependência inerente ao ato de ensinar e aprender, de tal maneira que «quem ensina aprende» (Freire, 1993: 27). Freire reforça a importância de que o/a *ensinante* se prepare e se capacite de maneira permanente para assumir a sua profissão, que faça formação «fundada na análise crítica da sua prática» (p. 28). Chama ainda a atenção para o conjunto de conhecimentos técnicos, científicos e profissionais que são exigidos na tarefa de ser professora, que a distingue da relação familiar de ser «tia».

A tarefa de ensinar também envolve, segundo o autor, medos e obstáculos face aos quais devemos certificar-nos da existência de razões que nos provocam o medo, compará-las com as possibilidades para enfrentá-las e, se for o caso, adiarmos o enfrentamento do obstáculo, tornando-nos mais capazes para fazê-lo amanhã. A qualidade de enfrentar o medo alia-se a outras de um/a professor/a progressista, tais como: humildade enquanto coragem, autoconfiança, respeito por nós próprios e pelos outros; «amorosidade» aos alunos e ao próprio processo de ensinar; tolerância, que é uma virtude que nos ensina a conviver, aprender com e respeitar o diferente; a decisão, a segurança, a tensão entre a paciência e a impaciência e a alegria de viver.

Em todo o livro é patente a ligação entre a flexibilidade e o rigor do trabalho do professor e da professora, não como processos antagónicos, mas como elementos complementares, mobilizados e transformados na relação dialética com os/as estudantes, com a comunidade educativa e com o saber, fundados a partir de uma reflexão crítica.

Termino esta recensão nos dias de hoje, ano de 2019. Em Portugal, acaba de ser promulgada uma lei de igualdade salarial entre homens e mulheres, o que demonstra que ainda há um longo caminho a percorrer na luta pela defesa dos interesses profissionais das mulheres. Enquanto isto, no Brasil foi recentemente empossado um Presidente militar reformado; as escolas receberam uma carta do Ministério da Educação com recomendações de que o Hino Nacional fosse ecoado e filmado e que as crianças proferissem o *slogan* presidencial... Resta-me continuar a acreditar na educação democrática e a lutar pela liberdade «como processo e não como ponto de chegada» (Freire, 1993: 63).

É bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela esta transformação não se dá. (p. 54)

Referências bibliográficas

- Bruschini, Cristina (1994). O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. *Estudos Feministas, número especial*, 179-199. doi:10.1590/%25x
- Freire, Paulo (1993). *Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água.
- Gadotti, Moacir (1996). A voz do biógrafo brasileiro: A prática à altura do sonho. In Moacir Gadotti (Ed.), *Paulo Freire: Uma biobibliografia* (pp. 69-116). São Paulo: Cortez Editora.
- Martinez, Luísa, & Munoz, Núria (2009). El consumo femenino da la imagen de la mujer en la publicidad: El sexismo en las campañas publicitarias rechazadas por la audiéncia. *Tripodos, 24*, 149-160. Retirado de <https://www.raco.cat/index.php/Tripodos/article/view/129442/178825>
- Rosemberg, Fúlvia (2001). Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. *Estudos Feministas, 9*(2), 515-540. doi:10.1590/S0104-026X2001000200011
- Weller, Wivian (2000). A experiência de Paulo Freire como secretário de educação na prefeitura de São Paulo. In Lígia Chiappini, Antonio Dimas, & Berthold Zilly (Eds.), *Brasil, país do passado?* (pp. 295-302). São Paulo: BOITEMPO Editorial; EDUSP.

Angélica Monteiro

CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

Whether you're a student, a novice blogger, or just someone looking to become a more active user of Goodreads, writing a book review is an important skill to have! Here are six steps for how to write a book review for school and beyond. 1. Begin with a brief summary of the book. This is probably the best way to introduce any review because it gives context. But make sure to not go into too much detail. Keep it short and sweet since an official summary can be found through a quick google search! A Review of Blackwing by Ed McDonald. Blackwing. Forfatter: Ed McDonald. A Review of Hounded by Kevin Hearne. Distinctively redefine global mindshare and enabled e-markets. Efficiently pursue multimedia based information via fully researched portals. Read age-appropriate book reviews for kids and parents written by our experts. Common Sense Selections for family entertainment. Books. Book Reviews and Lists. Best Book Lists. Book Reviews. Article about books. 10 tips for getting kids hooked on books. Apps & Games. App and Game Reviews and Lists. Best App Lists. App Reviews. Best Game Lists. Game Reviews. Website Reviews and Lists. Best Website Lists. Website Reviews. Are you looking for some good books to read? bookGeeks has one of the largest collection of Book Reviews across fiction and non-fiction genres like romance, sci-fi, historical fiction, thriller, mystery and self-help, entrepreneurship, business, travel, religion and biography. A Conflict in Thin Air presents an exemplary example of a well-researched book that captures the essence of not just the India-China border conflict of 1962, but also give us an overall purview of the geo-political history and diplomatic outlook of China, India, and Tibet.